



## Entrevista com o professor Célio da Cunha- professor do programa de pós-graduação em Educação da UCB

*RP- O que o senhor tem a nos contar a respeito da formação de professores no Brasil? Como ela foi tratada ao longo dos vários períodos pelos quais passamos na política e na educação?*

**CC-** Ao longo da história educacional do país, a formação de professores, assim como a política de educação, jamais constituiu prioridade do país. O histórico relatório de Gonçalves Dias, de meados do século XIX, já mostrava a acentuada carência. Assim foi durante o Império e também durante a República Velha. Por época do Movimento de Renovação Educacional da década de 1920 que teve entre seus principais expoentes educadores que fizeram história, como Anísio Teixeira, Fernando de Azevedo e Lourenço Filho, a formação de docentes para a educação básica passou a ser objeto de discussões. Nessa fase fundam-se as primeiras universidades e Fernando de Azevedo, em 1930, criou o Instituto de Educação para formar professores primários e secundários

em nível superior. Essa experiência pioneira foi destruída na vigência do Estado Novo. Se tivesse continuado, certamente hoje teríamos um quadro bem diferente em relação ao magistério. Com o advento da Lei 5692/1972, o educador e pensador Valmir Chagas, então membro do antigo Conselho Federal de educação, elaborou e fez a proposta de reforma do magistério da educação básica. Essa proposta, atual ainda hoje, foi aprovada pelo CFE, homologada pelo Ministro Ney Braga e depois “desomologada”. Após a Constituição de 1988, com o Pacto pela Valorização do Magistério e, alguns depois com a criação do Fundef e depois Fundeb, a LDB e a lei do piso salarial, o magistério da educação básica começou a ter horizontes mais promissores. Nessa evolução, registra-se ainda a entrada da Capes como novo ator na luta pela melhoria da qualidade da formação, merecendo destaque os programas Pibid e Parfor. Todavia, a crise política e econômica que o país atravessa

e a redução dos recursos para a educação, serão necessários alguns para que a meta 17 do PNE que tem o objetivo de elevar a remuneração do magistério até a média salarial de outras profissões que requerem o mesmo nível de formação, possa de fato concretizar-se.

*RP- Quais são os grandes desafios que os professores têm hoje no campo da docência?*

**CC-** Entre os grandes desafios destacam-se, por um lado, o da qualidade da formação inicial e continuada. São quase 2.200.000 professores que atuam na educação básica que demandam política permanente de educação continuada. E para que este problema não seja ampliado, torna-se urgente melhorar os cursos de Licenciatura, de modo a preparar profissionais em condições de entrar numa sala com a competência necessária para lograr melhores resultados em termos de aprendizagem; por outro lado, sobrepõe a questão da valorização profissional do magistério, condição imprescindível para atrair para os cursos de Licenciatura jovens mais exigentes egressos do ensino médio. Por último, sintetizando ambos, o magistério precisa ser profissionalizado.

*RP- E quais os desafios para os estudantes que estão finalizando os seus cursos de licenciaturas e chegando nas escolas?*

**CC-** O desafio maior dos estudantes que estão ingressando no magistério é a consciência de que o exercício docente é um dos mais complexos e, por conseguinte, requer permanente aperfeiçoamento;

*RP- Quais áreas os professores precisam integrar na sua preparação para a docência? Fale um pouco da interdisciplinaridade na formação dos professores*

**CC-** A interdisciplinaridade tem como requisito, em primeiro lugar, o aprofundamento dos estudos. Sem isso fica difícil aproveitar todo o potencial que oferece um processo de integração interdisciplinar. Uma das estratégias bem sucedidas é a de resolução de problemas que pode, em torno de um projeto, integrar vários docentes e alunos. A experiência do Instituto Paulo Montenegro – a escola pesquisa

sua opinião – em escolas de alguns estados e até no exterior, constitui uma boa referência.

*RP- Quais os desafios para as IES e para os cursos de Pedagogia e de Licenciaturas em relação a formação de professores hoje?*

**CC-** O grande desafio das IES e universidades é o de elevar a formação do magistério à mesma importância e status de outros cursos tradicionais como os de medicina, engenharia ou direito. A universidade deve ter lucidez e consciência de que a formação dos que assumem a responsabilidade pela educação das crianças e jovens do país é tão ou mais importante quando comparado com outras profissões. Pode-se mesmo afirmar que o futuro do país começa a ser construído na educação básica.

*RP- Que perspectivas são possíveis vislumbrar hoje para os jovens professores?*

**CC-** Não fosse a crise política e econômica dos últimos, o PNE poderia representar uma boa perspectiva. Todavia, o país começou a perceber a importância da educação. São vários os movimentos nacionais, inclusive de parte das elites, que reconhecem hoje que sem uma boa educação, o desenvolvimento do país fica prejudicado. Desse modo, apesar das dificuldades, a profissão do magistério tem chances de progressivos avanços, ainda que lentos.

*RP- O que o senhor acha do PIBID, ele deveria mesmo se tornar uma política pública? Na sua visão quais as contribuições que o PIBID traz na formação de professores e para a escola pública?*

**CC-** O Pibid é um programa que, pelos resultados alcançados até agora, deve continuar e se expandir com o status de política pública que está contribuindo para a melhoria do magistério. Para isso é importante avaliar e ver os resultados para melhorias.



Arquivo do Pibid